



Por **Rui Patrício**

Advogado, sócio da **Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados**, autor de várias obras de Direito Criminal

Os «treinadores de bancada» da Justiça

Escrevo em viagem, longe, num lugar onde Portugal evoca, para alguns mais informados, Melaka (Malaca) e, para quase todos, e inevitavelmente, como em tantos outros lugares do mundo, futebol. «Where are you from?» «Portugal.» «Oh, Cristiano Ronaldo, Figo, ...» And so on. A liga inglesa é aqui especialmente popular e, por isso, ouço quase sempre, do controlo de fronteira ao bagageiro do hotel, do táxi ao vendedor de artesanato, umas palavrinhas sobre as façanhas de Cristiano Ronaldo, Nani ou Anderson, com destaque para o primeiro, cada vez mais entronizado em «pop star» global. Mesmo quem, como eu, tem do mundo do futebol um conhecimento medíocre, acaba, aqui, e nestas circunstâncias, por discorrer bastante sobre a matéria, sob pena de não ter assunto ou de passar por rude.

O último bagageiro de hotel era mais loquaz que os anteriores, e o percurso do «lobby» ao quarto era mais longo. Melaka não lhe dizia muito, mas, em contrapartida, foi muito mais longe do que o habitual «Oh, Cristiano Ronaldo...» O homem sabia tudo (suponho, pois quem sabe pouco de algo só pode supor que o outro saiba muito), desde inúmeros nomes de jogadores portugueses e brasileiros (suponho que todos correctos), passando por jogos, feitos, jogadas, clubes e transferências, até à suposta rivalidade entre Vítor Baia e Ricardo. O homem não se calava, o quarto – «with a beautiful sea view», como convém ao falso viajante que, após curto percurso étnico-cultural, se rende ao remanso do «resort» – tardava em ser encontrado. Foi preciso falar, responder, dizer mais do que o habitual «Oh, yes, Ronaldo, a very good player ...», «Yes, Manchester...», etc.

E dei por mim a discorrer, com energia, quase mesmo com alegria, sobre futebol, sobre o futebol português, sobre a liga ingles-

sa, sobre jogos e jogadas; e com que loquacidade, à medida que a conversa prosseguia. É que estas coisas são contagiantes. Às tantas, quase inebriado, dei por mim a comentar, fazendo uso das minhas artes discursivas, jogadas de um qualquer jogo da liga inglesa (suponho) do dia anterior (conclui), jogo que não tinha visto, evidentemente, e cujas existência e virtudes, até esse momento, desconhecia. E devo ter dito coisas asisadas, a avaliar pelas réplicas do bagageiro – e supondo que ele (pelo menos ele) sabia do que falava.

Foi quase com desgosto que vi a chegada ao quarto acabar com a conversa, na qual, por momentos, eu me havia transformado em loquaz conhecedor de futebol, tendo até comentado, com alegre energia, um jogo nunca visto. É que tagarelar inebria, sobretudo quando sobre algo que desconhecemos e, ainda por cima, sobre algo que é tão popular, tão importante, tão cheio de virtudes, de encanto, mesmo de grandiosidade. É quase como ser admitido, como ser iniciado num ritual sagrado, é como pertencer a um grupo distinto, como partilhar uma linguagem comum, identificadora e enobrecedora. Se tantos falam, se tantos sabem, se tantos comentam, por que não eu?!

Isto foi ontem. Agora, passou o entusiasmo, arrefeceu a alegria de pertencer a alguma coisa tão universal, calorosa e gregária como o futebol; estou sozinho, a beber café, chove torrencialmente (é altura de monção). Agora, envergonho-me um pouco do facto de ter falado sobre o que não sei, sobre o que não vi, sobre o que me é praticamente estranho. E, ainda por cima, de modo a convencer (suponho) o interlocutor de que sabia do que falava. E assalta-me também a dúvida: e se ele também não sabia bem do que falava? E se foi um alegre diálogo de ignorantes de futebol? E se ele só ouviu o nome dos jogadores, por aí, sem mais? E se nem sequer houve o tal jogo?

São só dúvidas, não envenenam o remanso do «resort», mas sempre inquietam um pouco. É o que dá falar do que se não conhece, discorrer sobre o que nos é estranho, dar palpites, sugestões, fazer comentários sobre o que ignoramos ou conhecemos (muito) mal. Se o homem tivesse falado de Justiça, de Direito, de Tribunais (coisas de que sempre sei alguma coisa), eu estaria agora bem mais tranquilo. Mesmo Melaka, poderia ser; que li alguma coisa. Mas não é sobre isso que se fala aqui, não é sobre isso que tantos falam, não é isso que está «in»; não é essa a conversa e não é essa a linguagem do momento e do lugar.

Como dizia o outro, se é certo que na viagem se procura sempre fugir de algo, é também verdade que se aprende sempre alguma coisa. Sobre as minhas fugas, não falarei aqui. Já sobre a aprendizagem, posso dizer que, além do mais, aprendi a compreender um pouco melhor os inúmeros

portugueses que, ultimamente, se tornaram loquazes e alegres (e amiúde disparatados) comentadores e «treinadores de bancada» de um assunto do lugar e do momento (aí, não aqui): a Justiça e a sua (suposta) crise. ■

*Se o homem
tivesse falado de
Justiça, de
Direito, de
Tribunais
(coisas de que
sempre sei
alguma coisa),
eu estaria agora
bem mais
tranquilo [...]
Mas não é sobre
isso que tantos
falam, não é isso
que está «in»*